

Texto apresentado em:

BARCELOS, Valdo. **Educação de Jovens e Adultos: Currículo e Práticas Pedagógicas.**
Prefácio de Reinaldo Matias Fleuri. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

VALDO BARCELOS

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

 EDITORA
VOZES

Valdo BARCELOS

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Currículo e práticas pedagógicas



EDITORA
VOZES

Petrópolis

SUMÁRIO

Apresentação, 9

Prefácio, 15

Primeiras palavras... como se fosse uma introdução, 23

Parte I Currículo, práticas pedagógicas e afetividade na EJA –
Contribuições da Biologia do Amor e da Biologia do
Conhecimento, 39

Segundas palavras... para início de conversa, 41

De que lugar conversamos, 49

Contando histórias... sobre currículos e práticas
pedagógicas, 56

Parte II O currículo como mapa e texto – Bases para uma
alternativa curricular em permanente construção, 89

O currículo como mapa e representação, tempo, espaço e
experiência, 91

O currículo como mapa – Novos cartógrafos... novos
curriculistas, 101

Parte III O currículo como texto, 109

Currículo, escrita e leitura do mundo, 111

Provando um aperitivo e testando um sabor pedagógico nas
práticas curriculares e pedagógicas, 120

“Tecendo” diálogos pedagógicos e curriculares, 126

Últimas palavras... como se fosse uma conclusão, 133

Referências bibliográficas, 137

PREFÁCIO

Meu caro Valdo,

Fiquei muito honrado e feliz por ser o primeiro leitor de seu novo livro. Com prazer registro aqui algumas das reflexões a que fui instigado e que muito me ajudaram a repensar a prática curricular em que tenho atuado. Quem sabe esta minha carta aberta também contribua para suscitar em suas leitoras e seus leitores o desejo de utilizar seu livro como mais uma ferramenta para repensar e recriar a própria prática.

Ler um texto é significá-lo, pela reflexão, a partir da própria vivência. E seu texto muito contribui para tal reflexão, na medida em que traz a interlocução com outros autores, a narração de experiências educacionais de jovens e adultos, assim como a formulação de perguntas que problematizam a prática.

De modo particular, o entendimento do currículo como *conversa*, *mapa* e *texto*, que você, Valdo, propõe neste livro, instigou-me a desconstruir a compreensão burocrática e a pensar novas possibilidades da prática escolar numa perspectiva crítica, dialógica, criativa, transformadora, particularmente no campo da Educação de Jovens e de Adultos.

Trata-se de uma tese ousada. Pois, propor a *conversa* como estruturante da prática educativa, de imediato, suscita suspeita. Pode parecer, à primeira vista, um convite irresponsável à conversa “fiada”, distanciada do estudo rigoroso de conceitos, da aprendizagem disciplinada de habilidades, da formação séria de

atitudes científicas e profissionais. Em outra ocasião, tive que refletir muito sobre esta sensação, quando escrevi o artigo “Conversidade”¹. Agora, na leitura de seu livro, compreendi melhor que é justamente a compreensão disciplinar e monocultural de currículo que nos induz a entender o diálogo como banalização do conhecimento. Ao se entender o currículo escolar como um conjunto único e universal de conhecimentos, subentende-se que tais informações devam ser transmitidas de modo linear, homogêneo, progressivo, por pessoas devidamente formadas e autorizadas, a outras pessoas supostamente ignorantes. Para uma visão que percebe o currículo como uma sucessão de disciplinas a serem ministradas e de aprendizagens a serem examinadas, de um lado, qualquer diálogo é visto como espontaneísmo que pode distrair a atenção do “conteúdo” e aligeirar o ensino. E... se perder em dispersão, em conversa “desfiada”². Como reação, os professores e as professoras são incitados(as) a manter com os e as estudantes uma conversa “trancaficada” em programas e cronogramas a serem cumpridos. De outro lado, o ensino de informações sem conexão com a vivência é sentido pelos estudantes e pelas estudantes, como uma caricatural conversa “enfiada” contra sua vontade e contra suas reais necessidades.

1. Cf. FLEURI, R.M. Conversidade: extensão universitária e movimentos sociais. In: FIOREZE, C. & MARCON, T. *O popular e a educação: movimentos sociais, políticas públicas e desenvolvimento*. Ijuí: Unijuí, 2009, p. 85-130. Neste artigo, para além do modelo de conhecimento “pluriversitário”, que Boaventura de Sousa Santos vê surgir atualmente a partir da crise do conhecimento “universitário”, discuti a emergência de um novo modelo de conhecimento e de educação superior, que chamei de “conversitário”, por ser construído no diálogo de instituições de pesquisa e Ensino Superior com os movimentos sociais, assumidos como interlocutores autônomos e autores de conhecimento crítico.

2. Michel Serres afirma que existe uma filosofia virtual em cada preposição da nossa língua (SERRES, M. *Eclaircissements*. Paris: Flammarion, 1994). Seguindo esta ideia, faço aqui um jogo de prefixos com o adjetivo “fiada”, relacionado ao termo “conversa”, para explorar diferentes significados possíveis do diálogo educacional.

Já numa perspectiva complexa e intercultural de prática educacional, as pessoas de fato se educam em diálogo, mediatizadas pelo mundo. Discutir os problemas vividos pode se tornar, sim, uma conversa “afiada”, que enseje o discernimento rigoroso dos desafios e a intervenção “porfiada” na prática sociocultural. Assim, quando as pessoas assumem subjetivamente necessidades objetivas, compartilhadas, encetam uma conversa “desafiada”, instigadora, crítica e criativa. O compromisso com a prática se sustenta, pela reciprocidade, entre companheiros e companheiras, em uma conversa “confiada”.

Neste sentido, como você afirma, Valdo, a emoção se constitui como “ponto de partida para a criação, para a invenção, enfim, para uma perspectiva curricular que se volte para os processos de reconhecimento das diferentes subjetividades em movimento no espaço escolar” que é transpassado por processos de encontros e confrontos interculturais. A conversa e a escuta sinceras e solidárias entre educandos(as) e educadores(as) possibilitam a construção de um conhecimento solidário, que abre caminho à emergência de saberes de experiência feitos e enseja afetiva e efetivamente o desenvolvimento de cada pessoa como protagonista do processo educacional compartilhado.

Desenhar o *mapa* das relações e dos processos educacionais aparece, então, como uma estratégia curricular pertinente à prática dialógica da educação. Entretanto, é fundamental compreender que “o mapa não é o território”, que o processo educativo vivido não se reduz ao currículo predefinido. O currículo e os programas escolares, elaborados a partir de experiências antepassadas, podem servir como um primeiro conjunto de informações úteis para um grupo de pessoas planejarem sua ação educativa, assim como o viajante reúne informações geográficas, cul-

turais, sociais, ambientais para organizar sua incursão em uma região que lhe é ainda desconhecida.

Mas não basta ler nem memorizar o manual de guia para se realizar a aventura. Tal como a viagem, o processo educativo se realiza no encontro de parceiros, na articulação com guias competentes, no uso de recursos logísticos, assim como de meios de transporte e de comunicação, na exploração do ambiente, na interlocução com as pessoas, nas novas companhias e amizades, na participação de eventos sociais e culturais, na invenção de soluções para imprevistos e desafios, nos registros e nos relatos de experiências, na apresentação e discussão de novas descobertas que podem servir, a si e a outros, para incitar a novas aventuras. “Em tal representação, o tempo deixa de ser uma mera abstração, uma marcação cronológica e se transforma na substância mesma da qual somos feitos.” A educação, como “experiência”, se faz na interação das pessoas entre si e com o ambiente natural, cultural, social, intersubjetivo. Da mesma forma que “o caminho se faz caminhando”.

Assim, tal como você defende, Valdo, o currículo se configura no próprio processo de “leitura e de escrita do mundo”. “Como um *texto*, o mundo carrega uma infinita dose de virtualidade. Traz, escondido em suas ‘entrelinhas’, vários mundos virtuais à espera de serem lidos, interpretados, representados. Serão tantos mundos e tantos textos quantos(as) forem seus leitores e suas leitoras.”

Enfim, Valdo, ao ler seu livro, senti-me mobilizado a repensar o currículo não mais como um “corredor”, mas como *texto, mapa e conversa*, ou seja, a reconsiderar, numa perspectiva complexa, a prática educacional como uma trama de significados tecida coti-

dianamente na interação viva, afetiva e instigante entre pessoas que buscam problematizar e reinventar seu mundo. E certamente cada leitor e cada leitora também encontrará, em seu texto, retextos para reinterpretar e transformar seus contextos educacionais.

Florianópolis, outubro de 2009

Reinaldo Matias Fleuri

*Quando um homem ou uma mulher se
alfabetizam, é uma diferença de classe de
analfabetos. Mas a leitura e a escrita
são uma maneira de se ler,
é uma maneira de se escrever,
é uma forma de existência que está presente em que o
mulher não escreva de dentro de qualquer coisa, desde
que ela não se escreva de fora que não escreva
de dentro de fora.*